

# 'O ajuste não é uma questão técnica, mas política'

Paulo Nogueira acha que o país pode ter que fazer uma mididesvalorização no início do próximo ano

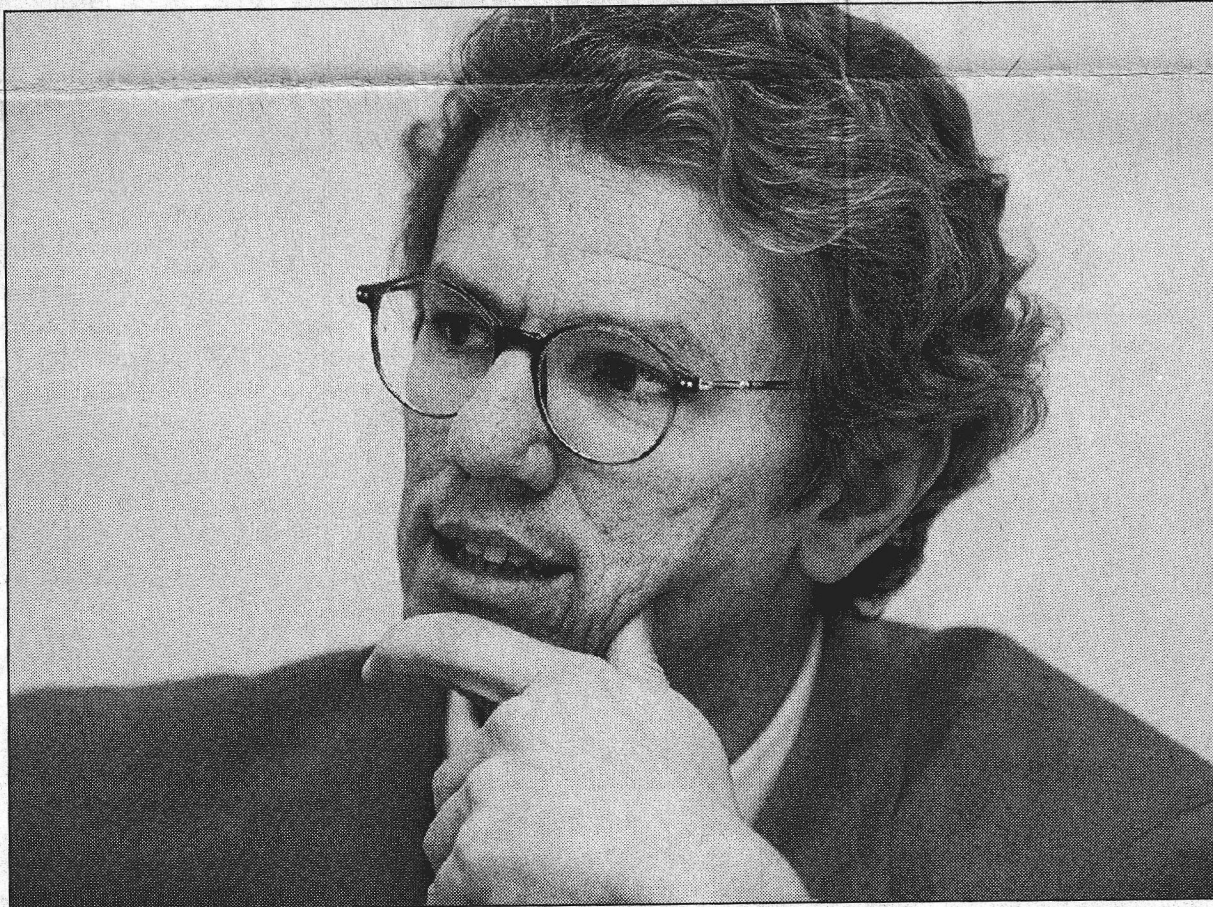
Cristina Alves e Léa Cristina

49

• **O economista Paulo Nogueira Batista Junior**, 43 anos, professor da Fundação Getúlio Vargas, de São Paulo, faz questão de dizer que não fala como economista do PT, embora muitos insistam em classificá-lo dessa maneira. Ele não é filiado ao partido, mas confirma ter votado em Lula para presidente. Ao contrário dos economistas-consultores que proliferam no país e costumam ter sempre fórmulas prontas, Paulo Nogueira prefere levar seu interlocutor a pensar nos dilemas que o país enfrenta hoje. A seguir, os principais trechos de sua entrevista:

• **AJUSTE FISCAL:** "Como fazer um ajuste de 3% do PIB com a economia entrando em recessão? O ajuste não é técnico, é político. É preciso saber quem vai pagar o ônus desse ajuste. Corre-se o risco de que o Brasil seja levado a adotar, como vem fazendo, medidas que agravem a já gravíssima concentração de renda. Quem paga tributos no país é basicamente a população de baixa renda e a classe média. Então: vamos aumentar impostos com o sistema tributário regressivo que temos aí? Como esse Governo enfrentará a questão dos subsídios e incentivos que beneficiam as oligarquias regionais?"

• **ERROS DO PASSADO:** "Desde o início do Real, o Governo permitiu que se mantivessem desequilíbrios muito grandes: sobrevalorização da moeda, abertura pouco criteriosa às importações, abertura da conta de capitais, descaso com as exportações e falta de rigor nas



André Arruda

PAULO NOGUEIRA: "Desde o início do Real, o Governo permitiu que se mantivessem desequilíbrios muito grandes"

contas públicas. Qualquer saída agora será mais dolorosa."

• **CORREÇÕES DE RUMO:** "Desde 1997, o Governo reconheceu a supervalorização do câmbio, introduziu algum apoio às exportações, restrições às importações, mas a abordagem geral é a mesma. É preciso mudar o modelo econômico. Mas não acho que isso será feito por esse Governo."

• **CÂMBIO:** "Uma opção seria desvalorização gradativa em relação

ao dólar, de 7% ou um pouco mais por ano. Conta a favor o fato de que a economia brasileira entra agora em fase recessiva e está com inflação em queda, o que aumenta a desvalorização real. Além disso, se o dólar continuar caindo em relação às moedas européias e ao iene, o real cai junto. Talvez seja necessária uma correção mais acentuada, uma mididesvalorização de 10% a 15% no início de 99."

• **PACOTE DO FMI:** "Atualmente, a parte menos discutida aqui, e

mais problemática, é o envolvimento dos credores privados no pacote. É um tema que tem sido pouco debatido no Brasil, mas que está sendo intensamente discutido nos países desenvolvidos. Depois do México, em 95; da Indonésia; da Coréia; da Tailândia e da Rússia, cresce a avaliação de que o dinheiro dos contribuintes europeus, americanos e japoneses é usado indevidamente para socorrer países mal administrados e investidores que fizeram apostas arriscadas. É uma socialização de prejuízos que

vem sendo criticada lá fora."

• **MORATÓRIA:** "Já se discute a possibilidade de moratória dos países em desenvolvimento que estão em crise. Mesmo que o Brasil tente repetir a experiência mexicana de 95, onde não houve interrupção de pagamentos, casos como o do Coréia, da Indonésia, da Malásia e, principalmente, da Rússia, que declarou moratória unilateral, modificaram o cenário. Não quero prever que o Brasil vai suspender pagamentos. Mas é sabido que os credores estão discutindo o envolvimento do setor privado em pacotes, e fórmulas como suspensão negociada de pagamentos, reestruturação de dívida e emissões especiais com garantia parcial de fontes oficiais."

• **RESTRIÇÕES:** "Tínhamos que ter mais austeridade em matéria de importação de bens e serviços. Aumentar barreiras tarifárias e não-tarifárias às importações. O Mercosul pode elevar tarifas substancialmente sem infringir compromissos assumidos na OMC."

• **FALTA DE LIDERANÇAS:** "O país não pode ficar à espera de uma grande solução internacional. De onde viria liderança para isso? O Japão está afundado na própria crise. A Alemanha está absorvida pela criação do euro a partir de janeiro. Os EUA têm o presidente ameaçado de impeachment. Haverá um pacote para o Brasil, mas não será a salvação da lavoura. A negociação será difícil, cheia de percalços e interferências externas. E a experiência de outros países mostra que esses pacotes nem sempre são bem-sucedidos." ■

## O VOCABULÁRIO DA CRISE

• **LEI KANDIR:** Acabou com a cobrança do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) sobre as exportações.

• **LEI CAMATA:** Fixa em 60% o limite de comprometimento da receita dos estados com os salários do funcionalismo público. Poucos estados da União estão conseguindo cumprir esta exigência.

• **AJUSTE FISCAL:** É um conjunto de medidas que o Governo adota com o objetivo de equilibrar as receitas e as despesas do setor público. De preferência, cortando gastos. O ajuste fiscal é considerado neste momento fundamental para o país sanear suas contas e reconquistar a confiança dos mercados externos.

• **SUPERÁVIT ORÇAMENTÁRIO:** Quando, na execução do orçamento, as receitas superam as despesas.

• **DÍVIDA MOBILIÁRIA:** É a dívida em papéis do Governo no mercado financeiro, que inclui títulos emitidos pelo Banco Central e pelo Tesouro Nacional. Hoje, já supera os R\$ 300 bilhões.

• **DÉFICIT PÚBLICO:** É quando o total de despesas do Governo é maior do que a arrecadação.

• **ROLAGEM DE DÍVIDA:** Acordo entre o Governo federal e os estados para a renegociação dos débitos com prazos de até 30 anos para o pagamento.